

≡ FÓRUM ECONÔMICO

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, quarta-feira, 16 de outubro de 2024

TÂNIA MEINERZ/JC



Cenários da retomada no RS e análise do mercado financeiro

Segunda edição do Fórum Econômico reuniu especialistas que debateram o futuro do Rio Grande do Sul e cenários de investimentos em âmbito nacional e internacional



CENÁRIOS

Nova edição do Fórum Econômico promove debates em Porto Alegre

Economistas discutiram a retomada do Estado e o cenário de investimentos

Bárbara Lima
barbaral@jcrs.com.br

Um debate sobre os principais desafios para a retomada econômica do Estado, além de uma análise do cenário atual de investimentos foram os dois eixos da segunda edição do Fórum Econômico do Rio Grande do Sul, realizado no dia 10 de outubro no Instituto Caldeira, em Porto Alegre.

Painelistas de renome apontaram caminhos para a reconstrução e para o futuro do desenvolvimento do Estado. Especialistas de instituições financeiras e profissionais que atuam no mercado financeiro também contribuíram com suas visões sobre investimentos em âmbito nacional e internacional.

Cerca de 500 pessoas participaram do evento, realizado entre 14h e 19h. O primeiro painel do Fórum Econômico tratou

de “Propostas para a Retomada Econômica do RS”, com os economistas Antonio da Luz, da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), e Aod Cunha, ex-secretário da Fazenda do Estado.

Com o intuito de aproximar os principais players locais, o Fórum também incluiu dois painéis voltados ao mercado financeiro, tanto para profissionais da área quanto para novos investidores. Ao discutirem o “Cenário e Investimentos no Brasil”, Frederico Vontobel, da Vokin Investimentos, Rafael Weber, da RJI Investimentos, e Werner Roger, da Trígono Capital, indicaram uma possível alta no mercado de ações brasileiro.

A necessidade de pensar o futuro a partir da iniciativa privada e de investir em infraestrutura foram temas destacados na abertura do evento. Pedro De Cesaro, representando a Propósito Boutique Financeira – idealizador do evento junto com o Jornal do Comércio – destacou a importância de reconhecer a robustez histórica da economia gaúcha para projetar os próximos passos.



EVANDRO OLIVEIRA/JC



TÂNIA MEINERZ/JC

Idealizadores da iniciativa, Pedro De Cesaro (Propósito) e Giovanni Jarros Tumelero (JC) abrem o evento

Citou o fato de o Rio Grande do Sul se manter entre os principais PIBs dos estados brasileiros, bem como a participação dos gaúchos no mercado financeiro. Segundo ele, mesmo que o Estado enfrente um cenário diferente do passado, é importante ver o lado positivo das adversidades. “Após as enchentes, a economia se reergueu. Nossa ideia é pautar o que podemos fazer no Estado, com uma economia forte, pensando

no futuro, para além das fragilidades”, ponderou.

O diretor-presidente do Jornal do Comércio, Giovanni Jarros Tumelero, destacou a sintonia do diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul com o Fórum de Investimentos. O dirigente lembrou que o JC, desde a sua fundação, há 91 anos, sempre focou em informações estratégicas para os negócios.

“Começou informando aos

atacadistas da época sobre as mercadorias que chegavam ao porto da capital gaúcha. E segue apostando em informações exclusivas, incentivando o desenvolvimento e defendendo a economia como propulsora do desenvolvimento econômico e social do nosso Estado”, afirmou. Tumelero ainda observou que, após as enchentes, o jornal tem divulgado iniciativas que mostram a retomada do Rio Grande do Sul.

Iniciativa privada à frente do desenvolvimento do RS

O vice-prefeito de Porto Alegre, Ricardo Gomes, participou da abertura do evento e refletiu sobre o que considera essencial para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Ele destacou a iniciativa privada como carro-chefe dos investimentos e pontuou que o Rio Grande do Sul perdeu relevância política e, consequentemente, econômica nas últimas décadas.

“O único trecho não duplicado da BR-290 entre Buenos Aires e Fortaleza (CE) é no Rio Grande do Sul. Como ainda estamos discutindo isso em um eixo tão importante, inclusive para o Mercosul?”, exemplificou,

referindo-se ao trecho entre Eldorado Sul e Uruguaiana.

Gomes também ressaltou que a demora na duplicação da BR-116, que conecta a Capital à Região Sul prejudica o Estado. “Há quanto tempo o RS não cresce na média dos estados do Nordeste?”, questionou. Segundo o vice-prefeito, isso se deve, em parte, ao foco das discussões ao longo dos últimos 20 anos.

“Estamos discutindo equilíbrio fiscal do governo. Isso consumiu o espaço para debater o desenvolvimento econômico impulsionado pelo setor privado”, considerou. Para Gomes, a iniciativa privada e

a competitividade oferecida pelo Estado, incluindo a carga tributária, deveriam conduzir os investimentos em infraestrutura. “Precisamos virar a chave. Deixamos o ICMS e o endividamento dominarem o debate”, afirmou.

Ele usou o próprio Instituto Caldeira como exemplo. A ideia inicial era que o espaço ajudasse a desenvolver a região (do 4º Distrito de Porto Alegre) e provocasse o setor público a investir em infraestrutura, além de facilitar o ambiente de negócios. “A retomada será conduzida pelo setor privado, e esse setor precisa propor mais a agenda econômica.”

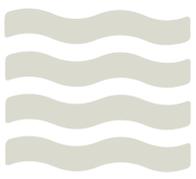


TÂNIA MEINERZ/JC

Vice-prefeito de Porto Alegre, Ricardo Gomes participou da abertura

EXPEDIENTE

Editor-chefe: Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br) | **Editor-executivo:** Mauro Belo Schneider (mauro.belo@jornaldocomercio.com.br) | **Editora de Economia:** Fernanda Crancio | **Reportagem:** Bárbara Lima, Caren Mello e Claudio Medaglia | **Diagramação:** Luís Gustavo Van Ondehusden e Ingrid Müller



CENÁRIOS

Líderes de instituições financeiras avaliam cenário de negócios no Rio Grande do Sul

Falta de integração entre iniciativa privada e setor público precisa ser contornada para potencializar investimentos

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

No painel O Papel das Instituições Financeiras, durante o Fórum Econômico, executivos do Banco Topazio, do BTG Pactual, do Badesul e do Sicredi avaliaram o cenário de investimentos e negócios no processo de recuperação do Estado. E

destacaram a necessidade de aprimorar as condições de segmentos para alavancar a economia.

Entre os aspectos, um que apareceu foi a necessidade de uma maior integração entre o setor público e a iniciativa privada, em um ambiente menos hermético e mais flexível às negociações, a exemplo do que ocorre em outros estados brasileiros. “Esse protagonismo pode ser maior”, comentou Haroldo Stumpf, co-fundador e CEO do Topazio.

Presidente do Badesul, Claudio Gastal seguiu na mesma linha e elencou a resistência ao diálogo entre os setores público e privado e



Executivos do Banco Topazio, do BTG, do Badesul e do Sicredi participaram de painel no Fórum Econômico

o Terceiro Setor como um obstáculo ao desenvolvimento. “Há dificuldade de articulação e de visão a longo prazo. Temos de começar a mudar isso agora.”

Maior financiador de projetos de irrigação no País, o Badesul emprestou R\$ 240 milhões ao agronegócio no ano passado, 40% desse valor para irrigar lavouras. “Armazenagem de água e irrigação são

questões que precisa ser atacadas, mas burocracia e crédito direcionado dificultam”, analisou Gastal.

Para Claudio Berquó, sócio-gerente do BTG, que estava nos EUA e participou do evento pelo Zoom, a prioridade deveria ser investir em infraestrutura, principalmente com estradas e para o transporte ferroviário. E propôs uma busca às raízes da economia gaúcha. “No que somos

bons, além do agro e de tecnologia? Temos de focar em aprimorar e potencializar o que fazemos melhor”.

Diretor-executivo na Sicredi Origens, Gerson Kunkel destacou o agronegócio e os polos metalmeccânico e de esmagamento de soja como fortes no Estado, além do turismo, que poderia ser potencializado. “Temos de aproveitar esses cases”, finalizou.

Transparência, confiança e alinhamento de interesses na busca de resultados consistentes.

Estratégia **Vokin GBV Aconcágua**:

- Value Investing & Long Only;
- Baixa correlação com os pares;
- Resultados consistentes no longo prazo;

vokin
INVESTIMENTOS

Invista junto conosco!

Conheça melhor a Vokin, acesse:
www.vokin.com.br
Porto Alegre – RS - Brasil

 Autorregulação
ANBIMA
Gestão de Recursos



CONJUNTURA

Clima, finanças e demografia afetam desenvolvimento econômico do RS

Economista Aod Cunha aponta desafios e sugere mobilização coletiva e políticas de longo prazo para alavancar Estado

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Mais do que a enchente de abril e maio, outros problemas vêm sangrando a economia do Rio Grande do Sul há décadas sem receber o enfrentamento adequado. E um dos mais contundentes é justamente a estiagem, fenômeno recorrente, que trava o crescimento da receita e compromete investimentos, afirma o economista Aod Cunha.

Exemplo disso é o PIB gaúcho. Mesmo caindo 0,3% no segundo trimestre de 2024, sob impacto dos estragos das chuvas, o indicador chegou ao final de junho com crescimento de 5,4% no acumulado do ano, acima do desempenho nacional, de 2,9%.

Mas em 2022, último ano de seca, o resultado foi -5,1%,

enquanto o País cresceu 3%, comparou Aod no Fórum Econômico, realizado no dia 10 de outubro no Instituto Caldeira, em Porto Alegre, em promoção do Jornal do Comércio em parceria com a Propósito Boutique Financeira.

O economista destacou que, embora o Rio Grande do Sul seja o segundo em incidência de secas no País, entre 1991 e 2024, o interior gaúcho, excetuando a Região Metropolitana de Porto Alegre, Serra e Litoral Norte, é a área com maior ocorrência do fenômeno. “E o que nós fizemos sobre isso, de forma significativa, para mudar esse quadro?”, questionou.

Segundo o ex-secretário da Fazenda do RS, cerca de R\$ 120 bilhões foram perdidos por secas nos últimos 20 anos, correspondendo a R\$ 40 bilhões em ICMS. E esse é apenas um componente.

Some-se o decréscimo do Rio Grande do Sul no ranking nacional do Ensino Básico e a elevada dívida pública, que dificulta novos investimentos e a melhoria da qualidade de políticas públicas, e deixa mais



TÂNIA MEINERZ/JC

Ex-secretário da Fazenda do Estado, Aod defendeu atenção a melhorias no ensino e citou a questão da dívida

perceptível o tamanho da dificuldade em alavancar a economia e o desenvolvimento.

“A reforma previdenciária irá mostrar resposta positiva dentro de 10 anos. Mas a dívida seguirá sendo um problema, porque freia investimentos públicos, com um sistema fiscal não resolvido”, avaliou Aod.

E há, ainda, conforme o economista, o envelhecimento populacional do Rio Grande do Sul, sem compensação com imigração de pessoas de outras regiões. Um tema relacionado também com as secas.

Aod mostrou mapas que traduzem o movimento de pessoas abandonando as regiões mais atingidas por estiagens, onde esse fenômeno causa impacto econômico

ainda maior. E um deslocamento para áreas mais industrializadas, com melhores infraestrutura e condições de trabalho e vida.

Movimento semelhante ocorre em Santa Catarina e Paraná, com concentração de pessoas nas regiões metropolitanas e no litoral. Ainda assim, esses estados, com investimentos assertivos, têm atraído mais pessoas.

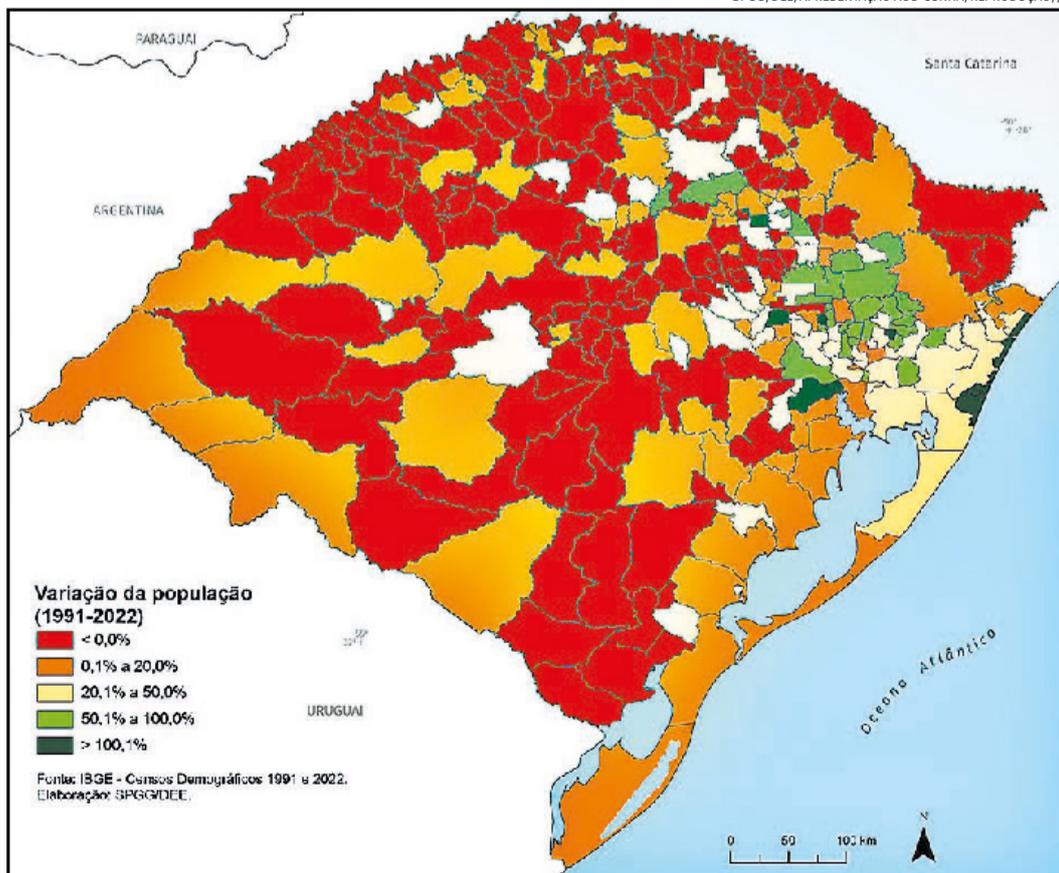
Dados do Censo Demográfico Brasileiro divulgados pelo IBGE mostram que, entre 2010 e 2022, o Rio Grande do Sul aumentou sua população apenas 1,8% ao longo desses 12 anos, contra 21,8% dos catarinenses e 9,6% dos paranaenses.

“Precisamos nos tornar um local mais atrativo para o fluxo de

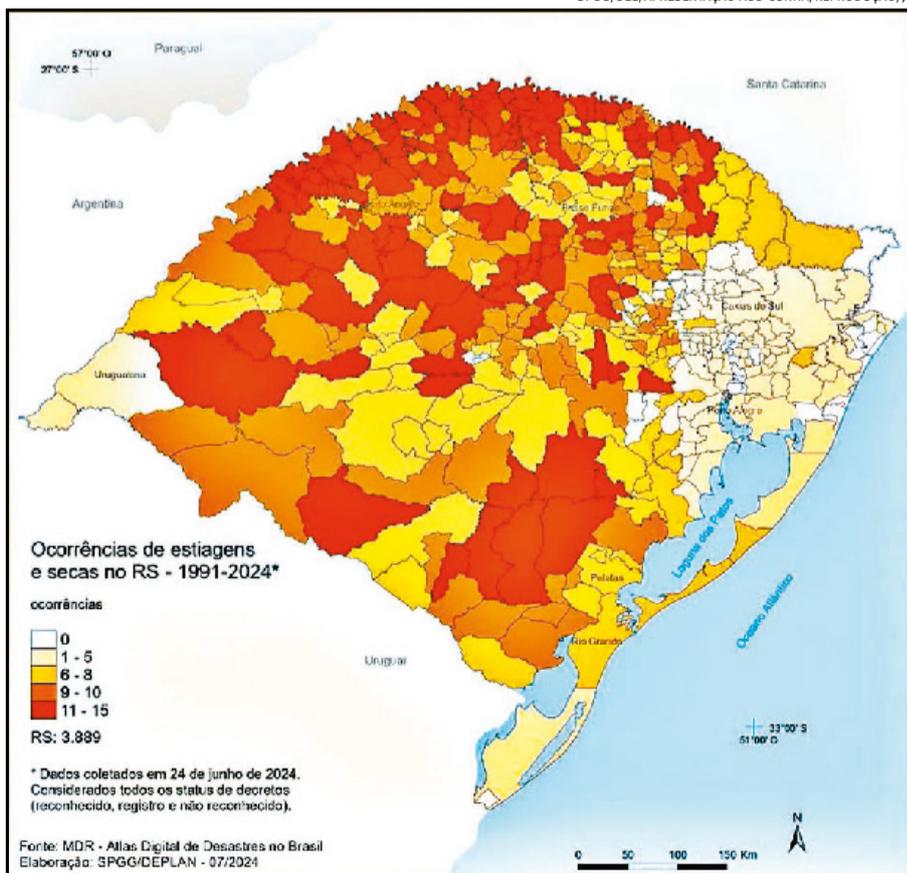
talentos”, afirmou Aod Cunha. De acordo com ele, o Rio Grande do Sul já tinha desafios importantes para crescer, com uma localização geográfica menos favorável, secas, envelhecimento demográfico, fluxo migratório e um setor público altamente endividado. E a tragédia climática de maio cria entraves ainda maiores, não só no curto como no longo prazo.

“Superar o quadro atual exigirá uma organização da sociedade como ainda não fizemos nas últimas décadas. Acima das trocas de governo e do ciclo político, com visão e persistência de longo prazo. Não há meio termo. Ou conseguimos isso e saímos mais fortes, ou veremos um novo ciclo de migração de pessoas e empresas”, concluiu.

SPGG/DEE/APRESENTAÇÃO AOD CUNHA/REPRODUÇÃO/JC



SPGG/DEE/APRESENTAÇÃO AOD CUNHA/REPRODUÇÃO/JC



Mapas apresentados na palestra mostram o declínio da população nas últimas três décadas (esquerda) e a recorrência de secas em solo gaúcho (direita): população e clima estão ligados



CONJUNTURA

Aumentar a produtividade do trabalhador é desafio para o crescimento econômico

Economista-chefe da Farsul defende qualificação de profissionais para ampliar performance do RS

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A baixa produtividade do trabalhador brasileiro foi apontada como um dos fatores a engessar o crescimento econômico do País e do Rio Grande do Sul na palestra do economista-chefe da Federação da Agricultura do Estado (Farsul), Antonio da Luz, na segunda edição do Fórum Econômico.

Mas, de acordo com ele, o que provoca esse fraco rendimento são fatores estruturais defasados, com

impacto sobre todo o ambiente.

“Vivemos muito mais uma economia de serviços, pós-período de industrialização. Mas a agricultura tem participação maior no valor adicionado do PIB do Rio Grande do Sul na relação com a Federação. E muito maior ainda em relação aos Estados Unidos. Porém, o que precisamos não é mudar a matriz produtiva, mas fazer melhor o que fazemos”, afirmou.

O economista ponderou que a mão-de-obra brasileira é mal preparada e mal aproveitada. O que reduz a produtividade. E boa parte desse desempenho fraco se dá por contexto. “As instituições brasileiras não incentivam o aumento de produtividade. Nossa infraestrutura é precária. No transporte de

grãos, por exemplo, que é feito em caminhões, seríamos muito mais eficientes com ferrovias ou hidrovias.”

Ele criticou, ainda, o sistema tributário, com muitos impostos a serem recolhidos, em vez de concentrar em um menor número de taxas. E, igualmente, um regimento restritivo que impõe licenças a serem pedidas e concedidas. “A irrigação não avança porque não entendemos que a agricultura mudou ao longo dos tempos. Em todo o mundo, irrigação é sinônimo de produtividade. Aqui, é problema ambiental”, apontou.

O economista-chefe da Farsul avaliou ainda que, para melhorar a performance e os resultados, o Rio Grande do Sul precisaria aprimorar



TÂNIA MEINERZ/JC

Antonio da Luz debateu propostas para a retomada econômica do RS

a estrutura de comunicação e de energia, especialmente no meio rural, além de alcançar solidez fiscal.

“Outro aspecto que pesa negativamente é a nossa economia fechada, protecionista. Precisamos melhorar o ambiente de negócios, abrir a economia. E construir um lugar melhor para se viver,

para atrair pessoas. Perspectiva é o que mantém as pessoas aonde elas estão”, definiu Luz, que reforçou também a inovação e a tecnologia – campo em que o Estado vem se tornando um importante polo – como ferramentas determinantes para o crescimento econômico.

PROTEGER É E SEMPRE SERÁ O NOSSO MAIOR PROPÓSITO.



Por isso, estendemos as coberturas de seguro de vida e priorizamos o atendimento dos clientes impactados.

Também estamos apoiando os nossos corretores gaúchos com um incentivo adicional para ampliar ainda mais o número de pessoas protegidas.

Mais do que estar presentes, estamos mobilizados na região, contribuindo efetivamente na reconstrução do nosso Rio Grande do Sul.

ICATU

SEGUROS

Icatu Seguros S.A (CNPJ/MF: 42.283.770/0001-39). SAC: 0800 286 0110 (2ª a 6ª: 8h às 20h; fins de semana e feriados: 8h às 16h). Nos demais horários ou Atendimento em libras: portal.icatusseguros.com.br/atendimento. Ouvidoria: 0800 286 0047 (2ª a 6ª: 8h às 18h exceto feriados)

Seguro de Vida | Previdência | Capitalização ICATU.COM.BR



MERCADO FINANCEIRO

Conjuntura macroeconômica freia alta de ações no Brasil

Analistas apontam que o investidor que tiver paciência e serenidade poderá ganhar muito nos próximos anos

Caren Mello
caren.mello@jcrs.com.br

Não existe certeza de como irá se comportar a Bolsa de Valores no próximo ano, mas quem tiver paciência e serenidade poderá ganhar muito em até cinco anos. A projeção foi feita por painelistas do Fórum Econômico, realizado no dia 10 de outubro no Instituto Caldeira, em Porto Alegre.

Com o objetivo de discutir o mercado financeiro e aproximar os principais players locais, o Fórum teve dois painéis voltados não só para profissionais da área, mas para interessados e novos investidores no mercado financeiro.

Ao discorrerem sobre o Cenário e Investimentos no Brasil, Frederico Vontobel, da Vokin Investimentos, Rafael Weber, da RJI Investimentos, e Werner Roger, da Trígono Capital, apontaram a possibilidade de uma alta no mercado de ações. Porém, se ressentem sobre a elevação dos juros, sobretudo para Small Caps (empresas listadas na Bolsa com valor de mercado considerado baixo), que são as mais sensíveis aos juros altos.

Roger avaliou os três principais índices, Ibovespa, Dividendos e Small Caps. Seguradoras, concessionárias e rodovias são pouco sensíveis aos juros, exemplificou. Já em relação ao dólar, Ibovespa tem 37% de exposição a esse fator e Small Caps, apenas 19%. Roger também destacou a performance



Especialistas analisaram cestas de investimentos, papéis, o mercado de ações e cenários durante painel realizado no Fórum Econômico

dos Índices nos últimos 36 meses. O índice SMLL, por outro lado, mais exposto a empresas sensíveis à taxa de juros, teve um retorno negativo de 55%. Na avaliação de Roger, a questão macro (top down), que envolve políticas governamentais, é dominante.

Weber, por sua vez, ao avaliar os ciclos de maior dificuldade, observou que a renda variável sempre acaba sendo mal vista. Porém, é neste momento em que os ativos ficam mais atrativos. O representante da RJI Investimentos entende

que o momento é desafiador para o mercado, que se comporta de maneira semelhante ao cenário de 2015. “E em 2016 a Bolsa subiu muito”, lembrou, sugerindo que, em breve, investidores poderão ter bons retornos.

Ele lembrou que o Brasil sempre teve ciclos econômicos densos e profundos, com uma volatilidade na política nacional. Para ser um sobrevivente no mercado financeiro, é preciso diversificar, sem ter foco em apenas uma classe de ativos. O executivo citou estratégias para combater a volatilidade, mesclando a carteira com papéis mais tradicionais e outros mais emergentes. “Se, por exemplo estou só com blue chips, vale a pena pegar Ibovespa porque não há taxa de administração”, observou.

Weber também falou da dificuldade em disciplinar o investidor, que tem a tendência de compra na alta. Ele sugere Small Caps para composição da carteira, que deve trazer também empresas maduras e outras com perfil de crescimento.

A composição ideal ficaria com empresas de valor, em uma média de 60% a 70%, e empresas satélites, entre 30% e 40%, como forma de enfrentar a volatilidade do mercado. “Não é fácil fazer o stock picking. Tudo é projeção. Por isso, nunca pode ter um risco exagerado



Werner Roger representou a Trígono Capital durante o painel

na carteira”, recomenda.

Para o CIO da Trígono Capital, Werner Roger, há outros aspectos que devem ser considerados para orientar a escolha por ações. Quando houver a queda de juros e o PIB aumentar, movimento que vem se consolidando, o investidor estrangeiro ficará mais confortável para voltar a olhar para o País. “A China também deve estar no foco e, este é o ano do dragão. O Brasil é um apêndice da China, se há movimentos positivos por lá, há

também por aqui na sequência”, avaliou Roger.

Ainda mais otimista que os demais, Weber acredita que o momento de alta da Bolsa está próximo. “Estamos vivendo um momento semelhante a 2015, quando os juros reais estavam altos. Em 2016, a Bolsa subiu quase 50% e algumas empresas, 100%”, disse. Para o analista, o momento não é fácil, mas investir na Bolsa e em boas empresas é fundamental para uma carteira.



Rafael Weber, da RJI Investimentos, avaliou que momento é desafiador



MERCADO FINANCEIRO

Frederico Vontobel: 'Empresas geram riqueza e fazem o País crescer'

'Não compramos ações, compramos 'pedaços' de empresas', afirmou o especialista

Caren Mello
caren.mello@jcrs.com.br

O mercado não está funcionando na normalidade, mas investir na Bolsa de Valores, seja em empresas tradicionais, seja nas emergentes, é uma boa e segura escolha, avaliou o sócio-diretor da Vokin Investimentos, Frederico Vontobel, durante sua participação no Fórum Econômico, realizado no dia 10 de outubro no Instituto Caldeira, em Porto Alegre.

"Não compramos ações, compramos 'pedaços' de empresas. São elas que geram riqueza no mundo, as que mais geram impostos. São elas que fazem o País crescer, não o governo", salientou. Para Vontobel, o Brasil tem juros altos – a Taxa Selic atualmente está em 10,75% – porque o maior tomador de recursos é o próprio governo federal, que não tem disciplina fiscal. "Nos últimos 12 meses já pagou mais de R\$ 700 bilhões de juros", observou o diretor da Vokin Investimentos.

Ele lamentou o fim do teto de

gastos e disse que o arcabouço fiscal "está fazendo água". Além disso, o orçamento para o próximo ano estaria muito otimista na receita e pessimista na receita, o que demonstra dificuldade no cumprimento.

Porém, mesmo com todas as adversidades na macroeconomia, os empresários estão conseguindo prosperar, principalmente nos últimos oito anos, com diversas companhias crescendo.

Vontobel também diferenciou investimento e especulação. Enquanto especuladores acompanham a Bolsa diariamente, o verdadeiro investidor tem paciência, porque aposta no projeto de empresas, a longo prazo. "Warren Buffet costuma dizer que ele não se importaria que a Bolsa fechasse por cinco anos. Ele está acompanhando as empresas", disse, ressaltando que o conhecido investidor tem um ganho de 19% ao ano.

Outro ponto citado pelo executivo foi o desafio de investir no Brasil, em função da alta dos juros. Grandes investidores institucionais do mercado, os fundos de pensões, que em 2010 tinham 20% do patrimônio em ações, hoje têm 10%.

Só em 2024, os investidores institucionais tiraram R\$ 22 bilhões da Bolsa e os estrangeiros,



Painel analisou cenário e investimentos no Brasil, atraindo grande atenção do público presente

R\$ 21 bilhões. "Em um mercado com alta de juros, a pressão para venda é maior", disse, destacando as Small Caps, que têm menos liquidez.

Esses movimentos geram disfuncionalidades, disse Vontobel, ao dar como exemplo a compra pela Serasa Experian da empresa de cibersegurança ClearSale por R\$ 2 bilhões. A empresa tinha suas ações a R\$ 3,2 e foi comprada por R\$ 10,56. "Estamos chegando em um patamar, que permite que mais casos como esses aconteçam."

Para Vontobel, o juro alto não é bom nem para o governo nem para sociedade. "O bom é quando o investimento privado cresce porque o investimento privado busca retorno", concluiu.



Vontobel disse que investidor deve apostar em empresas sólidas

RJI Investimentos

SEU INVESTIMENTO, NOSSA RESPONSABILIDADE.

A RJI é uma empresa especializada em serviços financeiros, com profissionais com mais de 50 anos de experiência no mercado. Oferecemos uma gama completa de serviços financeiros, incluindo administração fiduciária, custódia de ativos, distribuição de produtos, gestão de investimentos e serviços qualificados.



INVESTIMENTOS



+55 (21) 3500-4500 +55 (51) 2313-0206



www.rjicorretora.com.br

www.rjigestora.com.br



FINANÇAS PESSOAIS

‘Legislação abriu portfólio de investimento no exterior’

Advogado Carlos Zanini falou da regulação no mercado global financeiro

Caren Mello
caren.mello@jcrs.com.br

Investir no mercado financeiro no exterior deixou de ser ilegal. Além de ser regulamentado, é uma alternativa para diversificar a carteira em países que ofereçam boas opções. “É uma postura arrogante achar que o Brasil pode oferecer tudo, diante de um cardápio disponível de forma legal”, disse o advogado Carlos Klein Zanini, da MBZ Advogados. Zanini participou do painel do Fórum Econômico sobre Investimentos Globais e Regulação.

Doutor em Direito Comercial pela USP e professor titular de Direito Comercial na Faculdade de Direito da Ufrgs, Zanini fez um relato da progressão da legislação. Há cerca de 10 anos, havia uma imensa dificuldade de sequer abrir uma conta no exterior, disse. Ele relatou uma ação em que foi procurador de uma família, cujo filho, necessitando de um tratamento no exterior, foi impedida

de enviar recursos. Foi preciso um pedido de liminar e, mesmo assim, em segunda instância, foi cassada. “Naquela época, se alguém tivesse um offshore, era considerado um bandido, um fora da lei”, lembrou.

De lá para cá, foram muitas mudanças, aceleradas no ano passado com a publicação da Lei das offshores (Lei 14.754/23). Zanini divide esse processo em três fases. A primeira, apelidada de “era das trevas”, quando tudo era feito às escondidas, precedeu um segundo momento, quando houve uma avalanche de investidores que, na ilegalidade, faziam essa migração por necessidade. Em 2016, o País inaugurou uma nova fase. “Foi a democratização do acesso ao exterior, que ainda é imperfeita, tem seus problemas”, observa.

Como imperfeições desse novo momento, Zanini cita o IOF para tributação de cartão de crédito, o que é considerado pelo advogado uma aberração. O fim da tributação foi requisito para a entrada do Brasil na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), cuja eliminação está prevista para ocorrer até 2028. Outras



Carlos Klein Zanini, da MBZ Advogados, avaliou que é arrogância considerar que o Brasil pode oferecer tudo

distorções seriam a tributação de ativos no exterior (como venture capture), mesmo as que ainda não tenham realizado ganho, e a impossibilidade de ter uma conta em moeda estrangeira, seja pessoa jurídica ou física. Ter depósito em dólar, euro ou ienes é comum em países como Uruguai, EUA e Inglaterra, contas que permitem maior reserva e menores custos para remessas.

A democratização citada pelo advogado envolve diversas possibilidades. Uma delas são as Brazilian Depositary Receipts (valores mobiliários emitidos no Brasil que possuem como lastro ativos emitidos no exterior) na B3, que podem ser acessadas via pessoa física, através de aplicativos. Desde outubro de 2020, investidores podem

comprar ações das chamadas BDRs listadas no exterior, com aprovação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Já como pessoa jurídica, é possível constituir uma offshore no exterior. Há ainda a possibilidade de criar um Trust em outro país, cuja legislação – Lei 14.754 – foi publicada em dezembro do ano passado. O sistema permite a transmissão de bens para o beneficiário sem a necessidade de abertura de inventário. “O Trust pode ser usado para o planejamento sucessório, assegurando uma sucessão bem organizada, com algumas liberdades importantes, e até para filantropia.”

A partir desses movimentos do mercado e, principalmente após a publicação da lei de 2023, os processos estão sendo regulamentados

e incorporados ao sistema financeiro nacional. A razão, segundo o advogado, seria a pretensão governamental de tributar essas operações e formas de investimento. Em uma primeira fase estaria o reconhecimento para, depois, a incidência de impostos.

O importante, ressaltou Zanini, é que as novas normas não empurram mais os investidores para a clandestinidade. “Hoje temos um cardápio de possibilidades. Quando olhamos para alocação de ativos, é preciso diversificar. Essa diversificação também é geográfica, com um portfólio global”, observou. “Quando a questão é diversificação de riscos e de bom senso, faz sentido olhar para essas novas oportunidades”, concluiu.



Nascimento mostrou histórico de valorização da moeda norte-americana, além do potencial de ativos nos EUA

Marcelo Nascimento, da Avenue, prega aposta em dólar e mercado dos EUA

A dinâmica do mercado, com a possibilidade de investimentos no mercado exterior, foi trazida pelo CEA da Avenue, durante o painel que encerrou o Fórum Econômico. “No Brasil, nos últimos 10 anos, as maiores empresas na Bolsa são as mesmas, nas áreas de commodities, comunicação e bancos. Nos EUA, houve uma virada, passando do consumo para tecnologia.”

O avanço no mercado norte-americano, que reúne mais de 50% dos maiores unicórnios do planeta, é um indicativo seguro das possibilidades de investimento. O mercado brasileiro representa 1% dos ativos globais, enquanto que o dos EUA é de 50%. “Exemplo é a Apple, empresa de US\$ 3,5 trilhões, diante da Petrobras, que vale US\$ 90 bilhões”, observou o executivo da organização financeira e assessoria

de investimentos com sede em Miami e filial em São Paulo, e que teve como investidores Igah Ventures, Soft Bank e Itaú.

Nascimento aconselha novos investidores a olharem para o dólar, moeda que historicamente cresce em relação ao Real. Mesmo após a crise do subprime, a partir de 2008, a moeda teve uma valorização em mais de 40%, e o Ibovespa, no período, crescimento de 50%. Para o assessor financeiro, nem a mudança na presidência daquele país é o suficiente para enfraquecer o dólar.

“Quem aqui já perdeu 80% do valor em um ativo?”, questionou ele, ao ter a resposta de apenas uma pessoa na plateia. “Todos nós já perdemos 80%! Qual ativo? O Real”, instigou, lembrando que o consumo é dolarizado, seja transporte ou alimentação.

Jornal do Comércio
O jornal de economia e negócios do RS

Projeto:
**MAPA ECONÔMICO
DO RS** 2024

É AMANHÃ!

Desafios para a retomada econômica e oportunidades de desenvolvimento para as regiões Central, Vale do Taquari, Vale do Rio Pardo, Vale do Jaguari e Jacuí Centro.

Evento presencial no LAB CRIATIVO - Mercado Público da Vila Belga, Santa Maria - RS

Leia mais
escaneando
o QRCode
ao lado



Luciano Schuch
Reitor da
Universidade Federal
de Santa Maria



Ademir da Costa
Presidente do
Sindilojas
Santa Maria





PANORAMA

Evento Fórum Econômico reuniu especialistas e público qualificado

Cerca de 500 participantes foram até o Instituto Caldeira, em Porto Alegre, para a segunda edição do Fórum Econômico, que debateu propostas para a retomada no RS e o cenário de investimentos



THAYNÁ WEISSBACH/JC

Diretor Giovanni Jarros Tumelero deu as boas-vindas aos participantes em nome do Jornal do Comércio



TÂNIA MEINERZ/JC

Presidente do Badesul, Claudio Gastal prestigiou o evento



TÂNIA MEINERZ/JC

Frederico Vontobel, da Vokin Investimentos, foi painelistas



THAYNÁ WEISSBACH/JC

Pedro De Cesaro, da Propósito Boutique de Investimentos, é um dos idealizadores do Fórum Econômico



TÂNIA MEINERZ/JC

Antonio da Luz, economista-chefe do Sistema Farsul, e Rodrigo Villa Real, economista-chefe da Propósito



TÂNIA MEINERZ/JC

Ayrton Pinto Ramos participou do evento no Instituto Caldeira



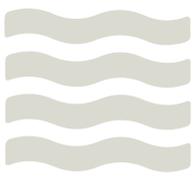
THAYNÁ WEISSBACH/JC

Economista-chefe da CDL Porto Alegre, Oscar Frank



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Haroldo Stumpf, CEO do banco Topázio



Pedro Valério, CEO do Instituto Caldeira, onde aconteceu o evento



Vice-prefeito de Porto Alegre, Ricardo Gomes



Evento promovido pela Propósito, em parceria com o Jornal do Comércio, reuniu cerca de 500 pessoas no Instituto Caldeira



Gerson Kunkel, diretor-executivo da cooperativa Sicredi Origens



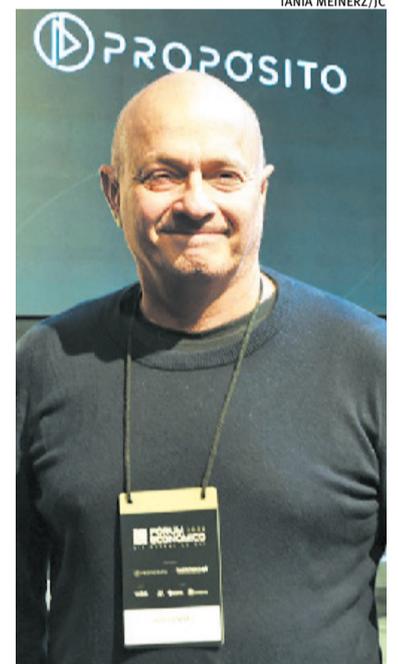
Werner Roger representou a Trígono Capital



Rafael Weber falou pela RJI Investimentos



Carlos Klein Zanini, da MBZ Advogados



Economista Aod Cunha foi um dos painelistas no Fórum Econômico



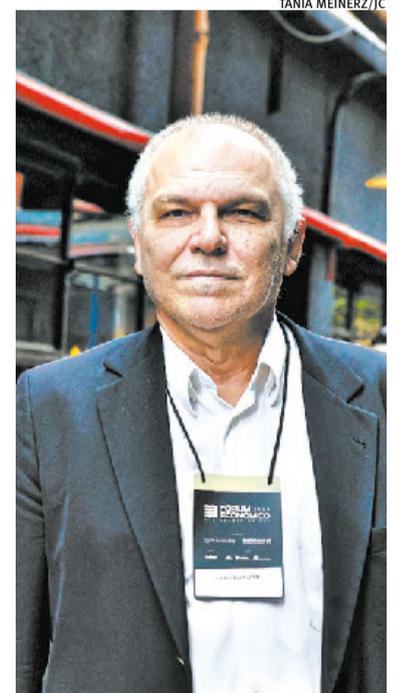
Público acompanhou com atenção quatro painéis do Fórum Econômico



Henrique Milagre fez a mediação do terceiro painel



Marcelo Nascimento, da Avenue, palestrou no evento



Empresário Júlio César Lamb esteve no Fórum Econômico

Obrigado pela sua presença no



FÓRUM 2024 ECONÔMICO

R I O G R A N D E D O S U L



Te esperamos no próximo ano!

REALIZAÇÃO



GOLDEN



SILVER



APOIO INSTITUCIONAL

